

## **Estratégia de Desenvolvimento, Divulgação e Intercâmbio de Informações Financeiras pela Internet: um estudo sobre a utilização da linguagem XBRL**

**IVONALDO BRANDANI GUSMÃO**

Universidade Estadual do Centro Oeste - UNICENTRO

[ivonaldo@unicentro.br](mailto:ivonaldo@unicentro.br)

## **Estratégia de Desenvolvimento, Divulgação e Intercâmbio de Informações Financeiras pela Internet: um estudo sobre a utilização da linguagem XBRL**

### **RESUMO**

O objetivo deste artigo consiste em identificar o atual nível de conhecimento e utilização do XBRL, pelas empresas brasileiras emissoras de *American Depositary Receipt* (ADR), listadas na Bolsa de Valores de São Paulo (BM&FBOVESPA). Trata-se de uma pesquisa de caráter descritivo, com coleta de dados por meio de questionário enviado aos gestores de tecnologia e sistemas de tecnologia de informação das entidades selecionadas como amostra, e por entrevistas realizadas com os responsáveis pela tomada de decisões. Para este estudo foram escolhidas as empresas emissoras de ADR, listadas na Bolsa de Valores de São Paulo e a amostra contou com 21 empresas. Para classificar essas empresas, como não existe uma técnica não paramétrica similar, utilizou-se a Análise de Conglomerados (Cluster). O principal resultado da análise dos dados indicou que existe um relativo grau de desconhecimento da XBRL por parte de um grupo de empresas brasileiras emissoras de ADR, listadas na BM&FBovespa. Além disso, percebe-se a partir dos dados que os respondentes da amostra não foram seguros em afirmar que as empresas possuem uma área que estuda a implantação de linguagens de marcação, o que pode favorecer ao desconhecimento da XBRL.

**Palavras-chave:** Linguagem XBRL, Tecnologia de Informação, Disclosure.

### **1 INTRODUÇÃO**

As transformações vividas pela economia apontam para a constituição de um novo paradigma tecnológico-econômico, notadamente marcado por fenômenos como a aceleração dos fluxos e ampliação dos volumes de informação, a integração dos mercados financeiros e a organização produtiva sob a lógica da competição. Neste paradigma, as fontes de vantagens competitivas para uma organização excedem o domínio de uma determinada tecnologia ou a busca de ganhos de escala, para o aumento de sua participação no mercado e passam por sua capacidade de adaptação às rápidas e constantes mudanças e pelo conhecimento que uma organização consegue acumular.

Organizações com alta capacidade de aprendizagem e claramente focadas em suas competências centrais reúnem as características necessárias, embora nem sempre suficientes, para a conquista de vantagens competitivas sustentáveis neste paradigma. O nível de competição entre as empresas têm levado as organizações a desenvolver estratégias, que visam torná-las menos vulneráveis as mudanças que veem ocorrendo no ambiente externo e interno das organizações.

Neste cenário, merece especial atenção o papel reservado as informações contábeis e financeiras que podem transitar internamente em uma organização ou entre elas. Relatórios financeiros são gerados a partir dos dados financeiros, com o intuito de disponibilizá-los para outros setores da própria empresa ou para outros usuários. Há, ainda, a possibilidade desses dados serem disponibilizados na *world wide web*, aumentando significativamente a quantidade de usuários, que passam a ter acesso a esse tipo de informação. No entanto, para que haja o intercâmbio dessas informações, é necessário realizar um processo de tratamento e transformação, onde esses dados são convertidos para um formato, que seja adequado aos diversos tipos de aplicações e sistemas computacionais, das organizações.

A adoção de padrões internacionais de divulgação de informações financeiras e contábeis, dados pela *International Accounting Standards Board* (IASB) e pela *International Financial Reporting Standards* (IFRS), coloca a necessidade de adotar uma linguagem comum no intercâmbio de informações financeiras e com a convergência ao *International Financial Reporting Standards* (IFRS), o desenvolvimento e escolha do XBRL, como padrão de divulgação, permitirá a redução de custos na cadeia de divulgação dos demonstrativos, rapidez e facilidade de análise das informações.

O objetivo desse estudo consiste em verificar, como o desenvolvimento de estratégias, pode dar suporte ao processo de geração de informações, voltadas ao controle operacional e investigar se os gestores das empresas estudadas estão utilizando ferramentas que facilitem o desenvolvimento de informação, avaliando quais as medidas que estão sendo tomadas para a implantação de tecnologias, voltadas à distribuição de informação das empresas, mais especificamente, os conceitos relacionados à linguagem XBRL (*Extensible Business Reporting Language*), incluindo outras ferramentas que foram ou são utilizadas pelas empresas, para a construção dos documentos XML, de acordo com os sistemas operacionais definidos pelas empresas.

Diante do exposto e considerando que as organizações estão em um ambiente de constante mudança, e cada vez mais, necessitam de controles precisos e de informações oportunas sobre os seus processos, para adequar as suas operações às novas situações, e devido ao surgimento de novos paradigmas de gestão e de sistemas de tecnologia de informações cada vez mais eficientes, busca-se responder a seguinte questão: Qual o atual nível de conhecimento e utilização do XBRL, pelas empresas brasileiras emissoras de *American Depositary Receipt* (ADR), listadas na BM&FBOVESPA?

A realização deste estudo justifica-se pela carência de trabalhos específicos, sobre o uso estratégico das informações, no processo de gestão estratégica dos sistemas de informação das empresas, com enfoque a aplicabilidade da linguagem XBRL (*Extensible Business Reporting Language*), nessas entidades.

A escolha das empresas emissoras de ADR é justificada pela relevância que este tem na sociedade, refletida tanto pela sua participação ativa no mercado de capitais, quanto pela utilização de tecnologias na gestão da empresa. Além da importância destas empresas, estudos evidenciam a importância do uso das informações para desenvolver estratégias superiores e obter vantagem competitiva.

Para o desenvolvimento desse estudo, apresentam-se uma revisão da literatura e os fundamentos teóricos, abordando a gestão estratégica em empresas e os fundamentos da divulgação de relatórios financeiros, bem como os resultados de uma pesquisa empírica, realizada junto aos gestores das empresas emissoras de ADR, listadas na Bolsa de São Paulo, que compõem a amostra da pesquisa.

Este artigo está organizado em cinco seções incluindo esta introdução, fundamentação teórica, metodologia da pesquisa, análise dos resultados obtidos e considerações finais.

## **2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

### **2.1 A LINGUAGEM XBRL (*EXTENSIBLE BUSINESS REPORTING LANGUAGE*)**

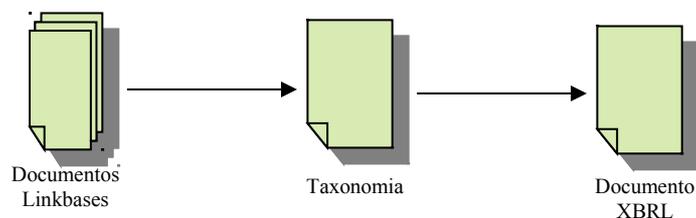
Para o desenvolvimento deste artigo, esclarece-se, em relação ao XBRL, que serão dadas somente as informações necessárias sobre essa linguagem, que auxiliem a leitura e

compreensão do propósito deste trabalho. Não serão explicados aqui todos os elementos e atributos que esta linguagem utiliza, mas somente aqueles que foram usados no desenvolvimento do relatório financeiro citado nos resultados e discussão.

O XBRL é uma linguagem para a comunicação eletrônica de dados financeiros que segundo diversos autores e entidades, como: ICAEW (1998), IASB (1999), Debrencey, Gray e Rahman (1999), FASB (1992, 2000), Willis (2000), Silva e Alves (2001), Foroughi *et al.* (2001), Wallace (2001), Rodrigues e Menezes (2001), IFAC (2002), SEC (2002), Gómez (2002), Sánchez (2002), Riccio *et al.* (1989, 2001, 2005), está revolucionando os relatórios financeiros ao redor do mundo, pois, provê maiores benefícios na criação, preparação e comunicação de informações financeiras. Oferece custos econômicos, grande eficiência e aprimora a exatidão e segurança para todos aqueles envolvidos no fornecimento ou uso de dados financeiros, e está sendo desenvolvida por um consórcio sem fins lucrativos das maiores companhias, organizações e agências governamentais. (XBRL, 2014, p. 5).

XBRL é uma linguagem, baseada em XML, para comunicação eletrônica, que provê benefícios na preparação, análise e comunicação de dados financeiros e de negócio. A ideia básica por trás de XBRL está em prover *tags* identificadoras para cada item de uma determinada informação financeira, em vez de tratá-la simplesmente como um bloco de texto. Além da representação de itens em um relatório é possível também representar relações entre itens mostrando como são calculados.

Existem duas entidades que definem um relatório XBRL: taxonomia e instância. A taxonomia é o dicionário usado por um documento XBRL que define as *tags* específicas para cada item da informação. Já a instância é um documento XML que segue as regras impostas pela taxonomia, contendo os dados propriamente ditos. A Figura 1 mostra como esses documentos se relacionam para a representação de relatórios em XBRL.



Fonte: Elaborado pelos autores com base nos dados da pesquisa.

**Figura 1 – Relacionamento de documentos na representação de relatórios em XBRL**

Uma taxonomia define os conceitos relacionados a um relatório financeiro. Na terminologia de XBRL, conceito é a definição de um fato reportado. Conceitos são criados através de elementos de XML Schema (W3C, 2014, p. 11).

Além dos conceitos, uma taxonomia também define a semântica dos conceitos estabelecendo relações entre os mesmos. Essas relações são definidas através do conjunto de *linkbases*, que devem estar contidos no esquema da taxonomia ou diretamente referenciados pela mesma. Esses *linkbases* são constituídos de um conjunto de *extended links* descritos na linguagem XLink (W3C, 2014, p.12).

O documento de instância define os fatos propriamente ditos. Uma instância será um documento XML que segue a sintaxe imposta pelo XML Schema contido na taxonomia.

No Brasil ainda não há disponível uma base de dados pública em XBRL para consultas online. Nesse caso, consulta-se a base de dados americana, disponível na SEC (2015), que contém relatórios de empresas com ações naquele mercado, inclusive com algumas empresas brasileiras que possuem *American Depositary Receipt* (ADR), e fazem o envio desses documentos no formato XBRL, quando participaram pelo *Voluntary Filing Program* – VFP, em *Interactive Financial Report Viewer* (2014, p. 17).

Considerando a necessidade de um esforço para simplificar e uniformizar as demonstrações contábeis, bem como encontrar formas de melhorar a eficiência no preparo e na comunicação pela internet das informações financeiras, o Conselho Federal de Contabilidade (CFC) por meio da Res. nº 1061/05, estabelecia, entre outras coisas, o leiaute brasileiro de contabilidade digital para fins de escrituração, geração e armazenamento de informações contábeis em meio digital por meio do XBRL e dava outras providências.

Devido à necessidade de unificação e harmonização dos leiautes dos arquivos de dados contábeis utilizados pelo fisco e usuários dessas informações e as dificuldades para o cumprimento das obrigações fiscais, cuja variedade de legislação e leiautes seria impossível de acompanhamento, principalmente quanto ao descrito no Convênio ICMS nº 54/05 e o Ato Cotepe nº 35/05 e suas regulamentações, das quais a Secretaria da Receita Federal era signatária em conjunto com os fiscos estaduais, o CFC por meio da Res. 1078/06, revogou esse leiaute, considerando o desenvolvimento de um estudo de longo alcance que vinha sendo preparado pelo grupo que integra o Sistema Público de Escrituração Digital (SPED), que agregava a Nota Fiscal Eletrônica, Escrituração Contábil e Fiscal Eletrônica, onde o Conselho Federal de Contabilidade é integrante.

## 2.2 ESTRATÉGIA E GESTÃO ESTRATÉGICA NAS EMPRESAS

De acordo com Ansoff (1977, p. 99), o conceito de estratégia é relativamente novo para a literatura de administração e a sua “gênese pode ser situada na arte militar, onde é um conceito amplo, vagamente definido, de uma campanha militar para a aplicação de forças em grande escala contra um inimigo”. O conceito de estratégia empresarial ganhou destaque, com a publicação de *Strategy and Structure*, de Chandler (1962), *Corporate Strategy*, de Ansoff (1965), e *Estratégias Competitivas*, de Porter (1980), autores que contribuíram para a evolução do pensamento estratégico.

No mundo dos negócios, a volatilidade e a crescente incerteza têm imposto às empresas considerarem a estratégia como meio de sobrevivência, forçando-as a, cada vez mais, buscar acompanhar algumas variáveis determinantes para a sua continuidade operacional.

As divulgações contábeis durante os tempos evoluíram sob muitos aspectos e de muitas formas e as empresas atualmente tem a necessidade de demonstrar como estratégia ser uma empresa moderna, que acompanha o desenvolvimento das novas tecnologias e que age de maneira aberta e transparente perante terceiros, buscando meios de transmitir suas informações financeiras de forma muito mais ágil e dinâmica.

Essas empresas buscam processos de modernização e de decidir utilizar os Sistemas Empresariais Integrados ou ERP (*Enterprise Resource Planning*) como maneira de atualizarem seus processos e sua infraestrutura de informações, voltando-se para um mundo mais padronizado e competitivo.

A gestão estratégica deve ser entendida como parte da gestão global das organizações que se preocupa em acompanhar as ações das entidades de seu ambiente próximo, tais como concorrentes, fornecedores, clientes e consumidores e para conceber e implementar estratégias que lhes permitam manter-se à frente dos competidores. Portanto, trata-se de uma gestão cujo objetivo maior é desenvolver valores corporativos, capacidades gerenciais, responsabilidades organizacionais e sistemas administrativos que vinculem tomadas de decisão estratégicas e operacionais, a todos os níveis hierárquicos.

O desenvolvimento do setor de tecnologia de informações financeiras e sua respectiva divulgação têm despertado os gestores das empresas de capital aberto, sobre a importância da estratégia, e o estudo da estratégia e sua relação com essa atividade é um direcionamento cada vez mais necessário, em face do desenvolvimento que se projeta e espera, bem como dos crescentes e complexos desafios. Esse contexto é marcado pela ideia maior da competição, entendido como indispensável para motivar e impulsionar o sistema em seus propósitos de crescimento contínuo. O espírito competitivo, até os dias atuais, continua predominante e constitui a principal força inspiradora justificadora das estratégias das organizações.

De fato, por trás da geração de valor está uma gestão eficaz e eficiente que se alinha aos propósitos estratégicos da empresa, portanto, a consideração de aspectos estratégicos no processo da gestão empresarial é de grande ênfase para uma boa condução do negócio, pois, o planejamento estratégico tornou-se um instrumento essencial em empresas de rádio em virtude das peculiaridades do segmento que exige planificação da demanda, oferta e tecnologia, e o sucesso da estratégia é função do preenchimento de determinados requisitos gerenciais considerados críticos para o seu sucesso.

Ansoff (1991, p. 26) sustenta que “a estratégia impõe exigências operacionais: decisões sobre preços e custos, programação da produção para atender a demanda, respostas a mudanças de necessidades de clientes e características tecnológicas e de processos”, por isso, os gestores devem proporcionar ferramentas que ajudam a atender essas exigências.

Desta forma, a informação coordenada e gerada sob o enfoque estratégico, aumenta as chances de um bom desempenho do sistema de gestão estratégica da empresa, e o impacto positivo da informação gerencial no sistema de gestão estratégica se traduz pelo ajustamento da empresa com o ambiente externo, favorecendo um bom posicionamento no mercado.

Detectando-se que existe uma busca, por parte das empresas, de uma forma de divulgação, que permita utilizar os meios eletrônicos visando transmitir suas informações financeiras de forma dinâmica, segura e eficiente, e sabendo-se da proposta dos desenvolvedores da linguagem XBRL, de vir de encontro a essas necessidades, busca-se nesse artigo verificar se essa ferramenta é o caminho buscado pelas empresas que almejam utilizar a Internet, como meio de divulgação de informações financeiras, em substituição ao método padrão e consagrado, de colocar essas informações em meio impresso, que parece não atender mais ao dinamismo do mundo empresarial atual.

### 3.1 O PROCESSO DE FORMAÇÃO DE ESTRATÉGIA

Para Porter (1991, p. 61), o aspecto central da formulação da estratégia é a análise detalhada da concorrência, uma vez que a estratégia competitiva envolve o posicionamento de um negócio de modo a maximizar o valor das características que o distinguem dos seus concorrentes. Assim, a essência da formulação da estratégia competitiva está em relacionar a empresa ao seu ambiente.

Segundo Porter (1998, p. 12), nesse contexto, o objetivo estratégico da empresa é encontrar uma posição no setor onde ela possa melhor se defender contra essas forças ou influenciá-las a seu favor. Entretanto, a recente turbulência ambiental ou competitiva dos negócios fez emergir novas indagações no campo de estudo da estratégia.

No ponto de vista de Hamel e Prahalad (1994, p. 16) a turbulência na natureza da competição ocorre devido a uma série de fatores, que alteram as fontes de vantagem competitiva das empresas e economia das indústrias de uma forma imprevisível.

Para Porter (1996, p. 62-63), a raiz deste problema está em não conseguir distinguir entre eficácia operacional que significa realizar atividades semelhantes melhores que os concorrentes e estratégia, que é a criação de uma posição única e de valor, com base no ajuste das atividades da empresa.

Segundo Chakravarthy e White (2002, p. 202), apesar do grande volume de estudos sobre o processo de estratégia, eles sofrem de, pelo menos, uma das seguintes limitações: falta de conexões com os resultados das estratégias, quando há, costuma-se associar apenas a resultados financeiros; foco em decisões isoladas em vez de um enfoque nos padrões de decisões e ações que, com o passar do tempo, se tornam à estratégia da empresa; incapacidade de ver o processo de mais de uma perspectiva; falta de discernimento em como o processo pode ser melhor administrado para produzir os resultados estratégicos desejados.

A estratégia define o quão efetiva a empresa tem sido na alavancagem do seu contexto do negócio. Seu desempenho está conectado a essa alavancagem. As pesquisas de conteúdo de estratégia identificaram três níveis de estratégia: negócio (diferenciação, preço ou nicho) (PORTER, 1980), corporativa (escala e escopo) (CHANDLER, 1990), e multinacional (foco nacional ou integração global) (PRAHALAD; DOZ, 1987).

Quando nos referimos às estratégias empresariais, a clarificação dos fenômenos que se pretendem abranger é muito importante. Identificar e estudar estratégias empresariais implica que se tenha bem presente o objetivo a atingir. Sendo o ERP um sistema de informações que integra e controla, em tempo real, os processos de uma empresa, as informações financeiras dele extraídas necessitam estar também disponíveis de maneira dinâmica, também em tempo real, sem a obrigatoriedade de serem sempre impressas, lidas e interpretadas e terem seus dados redigitados pelos demais usuários dessas informações. Assim, dentro desse panorama, o XBRL surge como uma extensão da linguagem XML – *eXtensive Markup Language*, propiciando a geração e decodificação dessas informações por computadores, acelerando os processos de tomada de decisão por humanos e agregando valor ao processo como um todo.

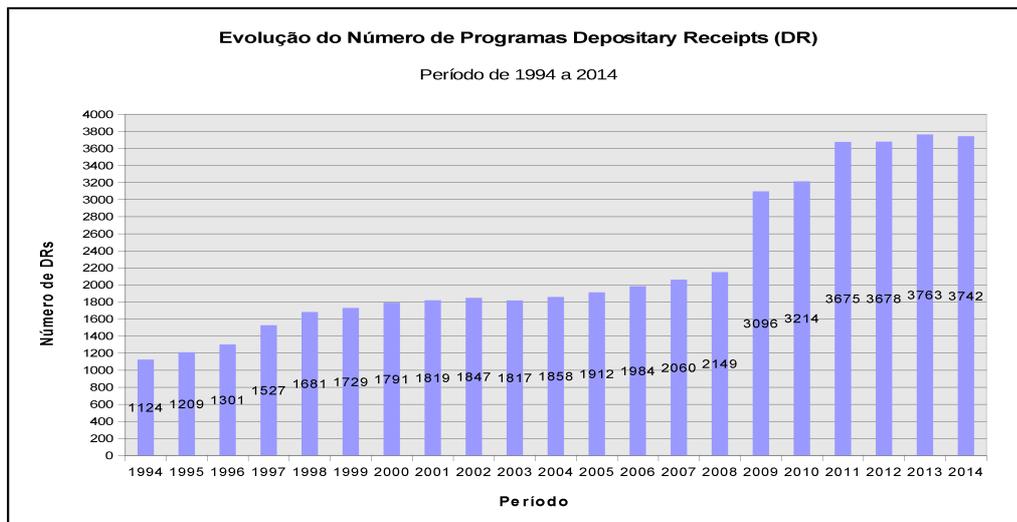
O Brasil está inserindo-se no mercado econômico mundial, possuindo centenas de empresas multinacionais e transnacionais aqui instaladas, além de contar com várias de suas empresas atuando em outros países, e todas tendo que competir em um mundo globalizado necessitando dinamismo no fornecimento, obtenção e análise de informações financeiras. Esse cenário fez aumentar a necessidade das informações fluírem rapidamente, atingindo no menor tempo possível seus destinatários, aliado à rapidez na disseminação do uso da Internet em ambientes profissionais e resulta na necessidade de se utilizar esse meio de comunicação para divulgar eficientemente as informações financeiras das empresas.

### 3.2 O AMERICAN DEPOSITARY RECEIPT (ADR)

O governo brasileiro com intuito de alavancar o mercado de ações, autorizou as empresas a lançar o *American Depositary Receipt* (ADR) e o *Global Depositary Receipt*

(GDR) no exterior, ao editar a Resolução nº 1.289, de 20/03/87, do Banco Central do Brasil, por meio do Conselho Monetário Nacional (COPOM).

A Figura 2 apresenta a série histórica da evolução no número de programas de *Depository Receipt*, com base nos dados obtidos junto ao Banco de New York (2015, p. 12). No gráfico pode-se observar um expressivo crescimento no número de ADRs, variando de 1124 emitidos em 1994, para 3742 em 2014, o que representa uma variação de 232,91% no período.



Fonte: Elaborado pelos autores com base nos relatórios do Bank of New York (2015, p. 12).

**Figura 2 – Gráfico com o número total de programas de Depository Receipts (DR) na NYSE**

O ADR ou GDR são papéis emitidos e negociados no mercado exterior com lastro em ações de outros países. O assunto está regulamentado como *Depository Receipts* (DR), nos termos da regulamentação do Anexo V da Resolução nº 1.289, de 20/03/1987, com redação aprovada pela Resolução nº 1.927, de 18/05/92, do Banco Central do Brasil.

A migração de empresas brasileiras para o mercado de *American Depository Receipt* (ADRs) constituiu uma espiral de inovação financeira, e esta inovação foi caracterizada como o desenvolvimento desse novo produto, a partir da interação dinâmica e competitiva entre intermediários e mercados.

O *Depository Receipt* (DR) ou *American Depository Receipt* (ADR) é, segundo o Citibank Inc (2014, p. 9), um título americano que representa ações de uma empresa estrangeira, negociáveis no mercado de capitais americano. Nos EUA, existem três níveis de ADR, cada um com exigências crescentes de transparência e adequação às normas da *Securities and Exchange Commission* (SEC).

Os ADRs são emitidos por um banco americano, que funciona como depositário das ações da empresa, e uma vez emitidos, os ADRs são negociados como qualquer outro título do mercado americano, ou em operações de balcão, denominadas de ADRs de nível I (*Pink Sheet*) que permite o pedido de isenção de adequação às regras de SEC, e são negociados no mercado de balcão americano *Over the Counter* (OTC), ou, após registro na SEC, nas diversas bolsas americanas como NYSE, NASDAQ, AMEX. Os ADRs de nível II (*Lister*),

não permitem levantar capital novo, habilitando a empresa a se listar nas bolsas americanas NYSE, AMEX, acarretando, portanto, as exigências das normas da SEC. Os ADRs de nível III (*Fully Register*), é semelhante a ADRs de nível II, mas permite o levantamento de recursos, pois é lastreado em ações novas. Os ADRs emitido segundo as Normas 144A, regula as colocações privadas nos EUA, e não traz as exigências das adequações contábeis da SEC, pois é destinado a investidores institucionais qualificados, mas permite a captação de novos recursos. Os custos para atender aos critérios da SEC e da Bolsa de Nova York são elevados.

O Citigroup (2014, p. 7), um dos maiores depositários de ADR, destaca os seguintes motivos para emissão de ADR: prestígio e visibilidade do registro numa bolsa americana; visibilidade estratégica de mercado nos Estados Unidos junto a clientes, fornecedores, parceiros e empregados; aumento de liquidez e do preço das ações pela ampliação do mercado; e efeito *uplift*: em média, o registro nos Estados Unidos aumenta o preço da ação e o volume negociado no mercado doméstico.

#### 4 METODOLOGIA DA PESQUISA

Esta pesquisa caracteriza-se, quanto aos fins, como sendo uma pesquisa de natureza descritiva exploratória, pois, conforme aponta Vergara (2000, p.47), “busca expor características de determinada população ou de determinado fenômeno”. Pode, também, estabelecer correlações entre variáveis e definir sua natureza, e “[...] não tem compromisso de explicar os fenômenos que descreve, embora sirva de base para tal explicação”.

Quanto aos meios de investigação, caracteriza-se como sendo uma pesquisa de campo. Trata-se de uma investigação empírica realizada no local onde ocorre ou ocorreu um fenômeno ou que dispõe de elementos para explicá-lo. (VERGARA, 2000, p.47).

Para atingir os objetivos estabelecidos, foi realizada uma pesquisa de campo, realizada no segundo semestre de 2014, entre os meses de agosto a dezembro de 2014, consistindo nas seguintes etapas: elaboração de instrumento de pesquisa; pré-teste, alterações no instrumento de pesquisa; escolha da população e amostra; coleta de dados e análise das respostas.

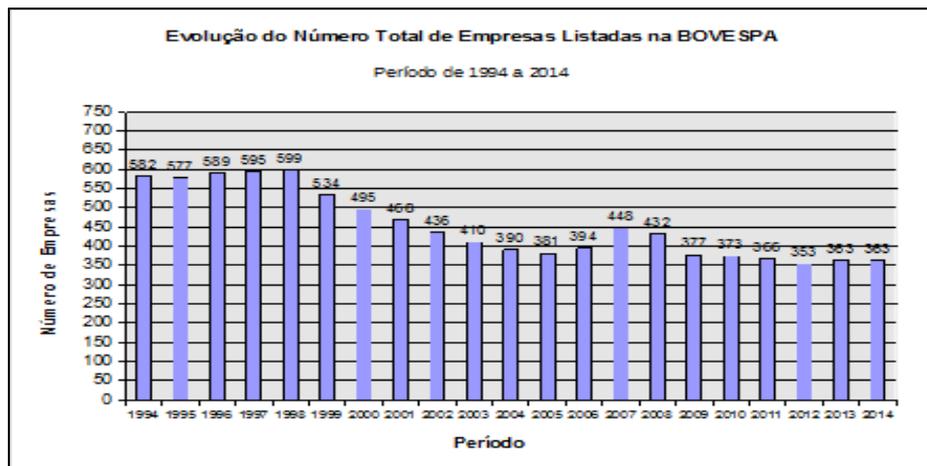
Utilizou-se questões matriciais com escala do tipo de *Likert*, que é associado a um formato de pergunta comumente usado em pesquisas de *survey*, que consiste em apresentar aos respondentes uma afirmação e perguntar se eles “concordam totalmente com a afirmação”; “concordam com a afirmação”; “concordam em parte com a afirmação”, “indiferente”, “discordam em parte com a afirmação”, “discordam da afirmação” e “discordam totalmente da afirmação”. Assim os respondentes tiveram sete categorias de respostas, atribuídas em escores de 1 a 7. Os escores foram atribuídos levando em consideração ao direcionamento do item.

O estudo envolveu uma pesquisa de campo e o instrumento utilizado para a coleta dos dados foi um questionário, dirigido as empresas, mais especificamente, à diretoria administrativa ou função equivalente, visando direcioná-lo ao responsável pelo desenvolvimento e fornecimento de informações sobre o sistema de informações da empresa. Para verificação sobre a clareza e precisão das questões e também das alternativas fixas de resposta, o questionário foi previamente submetido a um pré-teste, com um diretor e um gerente de tecnologia de informação, cujas sugestões de melhorias foram incorporadas ao instrumento.

Para a realização deste estudo, considerou-se como universo a ser estudada, todas as empresas que negociaram ações na BM&FBOVESPA, no ano de 2014. Em dezembro de

2014, essas empresas totalizavam 363 na situação de empresa ativa, entre ações ordinárias e preferenciais, de acordo com as informações disponibilizadas no site da BM&FBOVESPA (2014).

A Figura 3 apresenta o número total de empresas listadas que negociaram ações na BM&FBOVESPA no período avaliado.



Fonte: Elaborado pelos autores com base nos dados da pesquisa junto a BM&FBOVESPA (2014).

**Figura 3 – Gráfico do Número Total de Empresas Listadas na BM&FBOVESPA**

Observa-se na Figura 3 que o mercado de capitais brasileiro encolheu nos últimos anos considerando o número de empresas listadas na BM&FBOVESPA. Em 1994, o número de companhias abertas listadas na Bolsa de São Paulo eram 582; em dezembro de 2004 eram 390; e em dezembro de 2014 foram 363. As empresas que estão se retirando são aquelas que não se utilizam do mercado, e para essas empresas que não são ativas no mercado de capitais, o custo de manter o capital aberto não compensa, além de que depois de 2010 aumentaram as exigências de prestação de informações ao investidor.

Deste universo de 363 empresas, foram selecionadas todas as empresas listadas na BM&FBOVESPA, emissoras de ADR que negociaram ações na NYSE, NASDAQ e OTC. Do universo das empresas listadas na BM&FBOVESPA, foram identificadas 29 empresas emissoras de ADR, que passa a ser a amostra de estudo, conforme descrito na Figura 4.

Nr	Código na Bolsa	Empresa	Tipo de Ativo	Nível de DR	Bolsa
1	ABEV	Ambev S.A.	ADR	II	NYSE
2	BAK	Braskem S.A.	ADR	II	NYSE
3	BBD	Banco Bradesco S.A.	ADR	I	OTC
4	BBDO	Banco Bradesco S.A.	ADR	I	OTC
5	BRFS	BRF - Brasil Foods S.A.	ADR	II	NYSE
6	BSBR	Banco Santander (Brasil) S.A.	ADR	II	NYSE
7	CBD	Companhia Brasileira de Distribuição	ADR	II	NYSE
8	CIG	Companhia Energética de Minas Gerais-CEMIG	ADR	144A	OTC
9	CIGC	Companhia Energética de Minas Gerais-CEMIG	ADR	144A	OTC
10	CPL	CPFL Energia S.A.	ADR	III	NYSE
11	EBR	Centrais Elétricas Brasileiras S.A.- Eletrobrás	ADR	II	NYSE
12	EBRB	Centrais Elétricas Brasileiras S.A.- Eletrobrás	ADR	II	NYSE
13	ELP	Companhia Paranaense de Energia - COPEL	ADR	I	NYSE
14	ERJ	Embraer S.A.	ADR	III	NYSE
15	FBR	Fibra Celulose S.A.	ADR	II	NYSE
16	GFA	Gafisa S.A.	ADR	II	NYSE
17	GGB	Gerdau S.A.	ADR	II	NYSE
18	GOL	Gol Linhas Aéreas Inteligentes S.A.	ADR	III	NYSE
19	ITUB	Itau Unibanco Holding S.A.	ADR	II	NYSE
20	LND	Brasil Agro - Companhia Brasileira de Propriedades Agrícolas	ADR	II	NYSE
21	OIBR	Oi S.A.	ADR	II	NYSE
22	PBR	Petróleo Brasileiro S.A. - Petrobras	ADR	I	NYSE
23	PBRA	Petróleo Brasileiro S.A. - Petrobras	ADR	I	NYSE
24	SBS	Companhia de Saneamento Básico do Estado de São Paulo SABESP	ADR	III	NYSE
25	SID	Companhia Siderúrgica Nacional	ADR	III	NYSE
26	TSU	TIM Participações S.A.	ADR	II	NYSE
27	UGP	Ultrapar Participações S.A.	ADR	III	NYSE
28	VALE	Vale S.A.	ADR	II	NYSE
29	VIV	Telefonica Brasil, S.A.	ADR	II	NYSE

Fonte: Elaborado pelos autores com base nos dados da pesquisa.

**Figura 4 - Empresas com ações negociadas na BM&FBOVESPA, emissoras de ADR**

Na Tabela 1 apresenta-se a amostra ajustada, refletindo apenas aquelas empresas que se dispuseram a participar da pesquisa e o total das respostas consideradas para a análise:

A desclassificação das respostas recebidas, conforme demonstrado na Tabela 1, se deu em razão dos questionários terem retornado incompletos, principalmente as questões que permitiriam responder o objetivo do estudo, impossibilitando, assim, seu aproveitamento.

Descrição	Empresas	
	Qtde	%
<b>Total de Empresas Emissoras de ADR</b>	<b>29</b>	<b>100</b>
Gestores de Empresas que alegaram política de não responder a pesquisas, e que não atenderam aos telefonemas e e-mails.	2	6,90
A mesma empresa apresentou dois registros de ADR	4	13,79
<b>Amostra Ajustada (Gestores de Empresas que aceitaram participar da pesquisa)</b>	<b>21</b>	<b>100</b>
Respostas não recebidas	2	9,52
Respostas desclassificadas	1	4,76
<b>Total de Respostas Ajustadas</b>	<b>18</b>	<b>85,71</b>

Fonte: Elaborados pelos autores com base nos dados da pesquisa

**Tabela 1 – Amostra Ajustada e Total de Respostas**

O questionário foi dividido em quatro partes, sendo: Parte 1 - Caracterização da empresa e do respondente; Parte 2 – Indicadores dos processos internos; Parte 3 – Indicadores de desenvolvimento de tecnologia; e Parte 4 – Processo de intercâmbio de informações financeiras.

Tendo em vista que a amostra é relativamente pequena, os dados apresentados considerarão a mediana em lugar da média, como é indicado quando a amostra é pequena ou quando os dados não apresentam normalidade, sendo que nestes casos as estatísticas não paramétricas são indicadas.

## 5 ANÁLISE E AVALIAÇÃO DOS RESULTADOS

Neste capítulo, são relatados inicialmente os resultados da pesquisa de campo, baseados na análise descritiva das perguntas que foram agrupadas inicialmente em quatro partes distintas. De acordo com as questões formuladas neste trabalho, são apresentadas às análises desses resultados, dentro das partes que compuseram o questionário elaborado para a pesquisa. Ao final, uma quinta parte foi incluída para identificar e classificar as empresas da amostra em função dos três grupos de questões identificados.

### 5.1 CARACTERIZAÇÃO DA EMPRESA E DO RESPONDENTE

Nesta parte, são apresentados os resultados referentes à caracterização do respondente nas empresas, no que se refere ao cargo, ao grau de instrução, ao tempo de atuação do respondente no mercado. Presume-se que tais informações possam ajudar a compreender o fenômeno em estudo, isto é, verificar se os dados referentes ao gestor e a empresa exercem alguma influência na utilização dessas informações para fins estratégicos pelos gestores.

Conforme demonstra a Tabela 2, a maior parte dos gestores entrevistados ocupa

cargos de diretor com 61,11%, seguidos da função de gerentes de área com 27,78%, e assistente de gerência de setor com 11,11%.

Cargo ou função na empresa	Número de respondentes	
	n	%
Diretor	11	61,11
Gerente de Área	5	27,78
Assistente Gerência de Setor	2	11,11
<b>Total</b>	<b>18</b>	<b>100</b>

Fonte: Elaborados pelos autores com base nos dados da pesquisa

**Tabela 2 – Cargo ou função do respondente na empresa**

Quanto ao grau de instrução dos gestores entrevistados, a Tabela 3 indica que os gestores com curso superior completo representam 16,67%, enquanto os gestores com curso de especialização *Lato Sensu* 44,44% e com MBA (*Master of Business Administration*) representam 38,89%. Observa-se, portanto, que considerando que os gestores, por possuírem formação superior completa, a princípio, a maioria pratica a gestão com bases científicas.

Grau de Instrução	Número de respondentes	
	n	%
Curso Superior Completo	3	16,67
Especialização	8	44,44
MBA	7	38,89
<b>Total</b>	<b>18</b>	<b>100</b>

Fonte: Elaborados pelos autores com base nos dados da pesquisa

**Tabela 3 – Grau de instrução do respondente**

Quanto ao tempo de atuação no mercado dos gestores entrevistados, a Tabela 4 indica que os gestores apresentam frequência de 16,67% atuando a menos de 5 anos, enquanto a maior frequência está no período de atuação entre 5 a 10 anos com 38,89%, seguidos dos gestores atuando entre 10 e 15 anos com 16,67%, entre 15 e 20 anos com 11,11%, e acima de 20 anos com 16,67%. Percebe-se, ainda, que a maior parte, 55,56% dos respondentes tem experiência no ramo inferior a 10 anos, porém, não se pode desprezar o fato de que 44,44% têm experiência superior a 10 anos.

Tempo de atuação no mercado	Número de respondentes	
	n	%
De 0 a 5 anos	3	16,67
De 5 a 10 anos	7	38,89
De 10 a 15 anos	3	16,67
De 15 a 20 anos	2	11,11
Acima de 20 anos	3	16,67
<b>Total</b>	<b>18</b>	<b>100</b>

Fonte: Elaborados pelos autores com base nos dados da pesquisa

**Tabela 4 – Tempo de atuação do respondente no mercado**

## 5.2 INDICADORES DOS PROCESSOS INTERNOS

Nesta parte, são apresentados os resultados referentes ao conhecimento dos respondentes quanto à caracterização dos processos organizacionais e a cadeia de valor das atividades, que envolvem os negócios da empresa e identificando os principais processos de tecnologia e seus indicadores.

Na Tabela 5 são apresentados os dados referentes à definição das estratégias, planos, objetivos da organização e ações planejadas para atingi-los quanto à inovação no processo de gestão.

<b>Quanto a inovação no processo de gestão</b>	<b>Mediana</b>	<b>Moda</b>
A empresa possui a identificação dos processos organizacionais e de gestão, bem como mapeamento para redesenho e inovações nos processos obsoletos.	6,5	7,0
A empresa consegue identificar e mapear os principais processos de tecnologia.	7,0	7,0
A empresa gerencia os indicadores financeiros, mercadológicos, de pessoas e de processos.	6,5	7,0

Fonte: Elaborados pelos autores com base nos dados da pesquisa

**Tabela 5 – Definição das estratégias e planos quanto à inovação de gestão**

Quanto à afirmação de que a empresa possui a identificação dos seus processos organizacionais e de gestão, bem como mapeamento para redesenho e inovações nos processos obsoletos, verifica-se uma mediana entre os pontos concordo e concordo totalmente e uma moda nesta última, constatando-se, portanto, que há a identificação dos processos organizacionais e de gestão, bem como o mapeamento para redesenho e inovações nos processos obsoletos, estão estruturados.

Quanto à empresa conseguir identificar e mapear os principais processos de produção e tecnologia observa-se a mediana e a moda no ponto concordo totalmente, o que demonstra que os gestores acompanham as tendências do mercado quanto aos processos atuais de gestão e de mudança de tecnologia.

Em relação à empresa conseguir gerenciar os indicadores financeiros, mercadológicos, de pessoas e processos, verifica-se uma mediana entre os pontos concordo e concordo totalmente e uma moda nesta última. Constata-se, então, que as empresas possuem mecanismos e acompanham a formação de políticas e as ações de qualidade em relação aos seus clientes e fornecedores.

Observa-se, portanto, que a empresa consegue identificar e mapear os principais processos organizacionais e de gestão mercadológica, de produção e tecnologia, de relações com clientes e fornecedores, de planejamento e controle, e que os processos organizacionais e de gestão são acompanhados em busca de maior produtividade.

## 5.3 INDICADORES DE DESENVOLVIMENTO DE TECNOLOGIA

Nesta parte, são apresentados os resultados referentes ao conhecimento dos respondentes quanto ao plano de desenvolvimento de tecnologia da informação da empresa, identificando o grau de alinhamento de gestores com a tecnologia organizacional e os usuários, mais especificamente no processo de intercâmbio de informações financeiras por meio da publicação na *web*.

Na Tabela 6 são apresentados os dados referentes aos indicadores de desenvolvimento de tecnologia, direcionados ao processo de divulgação de informações financeiras, por meio da Internet.

<b>Quanto a inovação no processo de gestão</b>	<b>Mediana</b>	<b>Moda</b>
A empresa trabalha no processo de intercâmbio de informações financeiras	6,0	7,0
A empresa apresenta relatórios financeiros utilizando linguagens de marcação na web	5,0	5,0

Fonte: Elaborados pelos autores com base nos dados da pesquisa

**Tabela 6 – Indicadores de divulgação de informações na Internet**

O atual processo de intercâmbio de informações financeiras ocorre, geralmente, utilizando-se sistemas proprietários ou por meio da publicação na *web*, o que impõem necessidade de esforços para a conversão de formatos de representação dos dados.

Pode-se afirmar que há ações de identificação e suprimentos das habilidades técnicas quanto à inovação nos sistemas de publicação na *web*, pois a mediana se posiciona no ponto concordo e a moda no ponto concordo totalmente. Quanto se à empresa apresenta relatórios financeiros utilizando linguagens de marcação na *web*, verifica-se tanto a mediana, quanto a moda, no ponto concordo em partes com a afirmação, indicando que ainda existe alguma defasagem neste ponto em relação a situação “ideal” para as empresas da amostra.

#### 5.4 PROCESSO DE INTERCÂMBIO DE INFORMAÇÕES

Nesta parte, são apresentados os resultados referentes a questões sobre quais ferramentas estão sendo utilizadas pelas empresas, atualmente, para implementar o processo de intercâmbio de informações financeiras por meio da publicação na *web*, e quais as necessidades impostas, para a conversão de formatos de representação dos dados.

Questionou-se aos respondentes sobre as linguagens que utilizam no desenvolvimento de suas atividades e o grau de conhecimento das linguagens de marcação, conforme os resultados descritos na Tabela 7.

Considerando que o enfoque do trabalho foi o estudo das linguagens utilizadas pelas empresas, observou-se que houve diferentes respostas sobre a questão, porém, houve consenso sobre a forma com que estão se preparando para essa etapa.

<b>Quanto a inovação no processo de gestão</b>	<b>Mediana</b>	<b>Moda</b>
A empresa disponibiliza suas demonstrações pela internet	7,0	7,0
A empresa possui uma área que estuda a implantação de linguagens de marcação	5,0	5,0
A empresa conhece a linguagem de marcação XBRL	5,0	7,0

Fonte: Elaborados pelos autores com base nos dados da pesquisa

**Tabela 7– Divulgação de informações na Internet**

Quanto à questão referente se a empresa disponibiliza suas demonstrações financeiras pela Internet, mediana e moda estão no ponto concordo totalmente. Esta é uma constatação do óbvio, pois as empresas que negociam ações nas bolsas de valores são obrigadas a divulgar suas informações, sendo a internet, na atualidade, o meio mais usual.

Quanto se à empresa possui uma área, profissional ou grupo de profissionais responsáveis pelo estudo de implantação de algum tipo de linguagem de marcação, verifica-se tanto a mediana, quanto a moda, no ponto concordo em partes com a afirmação, indicando que não existe uma preocupação mais consistente com a utilização de linguagem de marcação ou não se estabeleceu, no âmbito da amostra, uma área específica para este fim.

Quando ao conhecimento da linguagem XBRL, a mediana ficou no ponto concordo em partes com a afirmação e a moda ficou no ponto concordo totalmente com a afirmação. Neste caso, das empresas pesquisadas 50% dos respondentes marcaram a opção concordo totalmente com a afirmação, mas 44% dos respondentes marcaram a opção discordo em partes da afirmação. Este fato indica que existe uma divisão significativa entre as empresas da amostra neste quesito. Adicionalmente, verificou-se que 52,38% dos respondentes responderam que conheciam a linguagem XBRL, e 14,29% responderam que as empresas têm profissionais estudando a implantação do XBRL.

Os respondentes indicaram ainda, que não existe uma padronização na forma de apresentação das informações, e que os formatos mais encontrados foram: 57,14% empresas em formato PDF; 9,52% empresas em formato Word®; 19,05% empresas em formato Excel®; 14,29% empresas em formato HTML. Os respondentes indicaram, também, que estão estudando, terceirizar a apresentação de suas informações por meio da Internet, enviando-as para entidades externas, independentes, especializadas em divulgar informações financeiras, que por sua vez apresenta as informações em HTML.

Os respondentes das empresas (66,67%), indicam que, atualmente, foram direcionados a utilização de documentos baseados na linguagem XML (*eXtensible Markup Language*), usando como validação o DTD (*Document Type Definition*). Com esta implementação foi necessário fazer uma XSL que permite apresentar os dados existentes no documento XML. Além disso, foi necessária, ainda, a implementação de um sistema em Java para acessar o documento e poder manipulá-lo, ou seja, fazer inclusão, exclusão e alterações de seus dados.

Salientaram, ainda, que a XML (*eXtensible Markup Language*) é uma linguagem de computador com a finalidade de descrever informações. Ela representa um aperfeiçoamento da abordagem da HTML (*HyperText Markup Language*) e faz com que a *World Wide Web* seja um lugar melhor para atividades comerciais e aprendizado. Considerando que a XML não define nenhum conjunto de *tags* em particular, ela oferece uma estrutura padrão, que lhe possibilita criar estruturas próprias ou definidas por terceiros, e que melhor se adapte as necessidades atuais, portanto, é uma tecnologia simples que permite a utilização de outras ferramentas, para melhorar seu desempenho.

Para ser considerado válido, um documento XML, além de ser bem formado, deve estar de acordo com as restrições definidas em um esquema. As formas mais utilizadas para se definir esquemas são DTD (*Document Type Definition*) e XML Schema.

Informaram, ainda, que a XSL (*eXtensible Stylesheet Language*) é uma linguagem de folhas de estilo, possui um conjunto de instruções destinadas à visualização de documentos, e consiste em três partes principais: XSLT (*eXtensible Stylesheet Language Transformations*), XPath (*XML Path Language*) e XSL-FO (*eXtensible Stylesheet Language – Formatting Objects*).

Com o objetivo de personalizar, o W3C (2014, p. 27) especificou dois mecanismos para acessar documentos XML e trabalhar com eles. Trata-se de normas que indicam aos desenvolvedores, a maneira de acessar os documentos. Estas normas incluem uma hierarquia de objetos, que têm alguns métodos e atributos, com os quais é necessário trabalhar e que

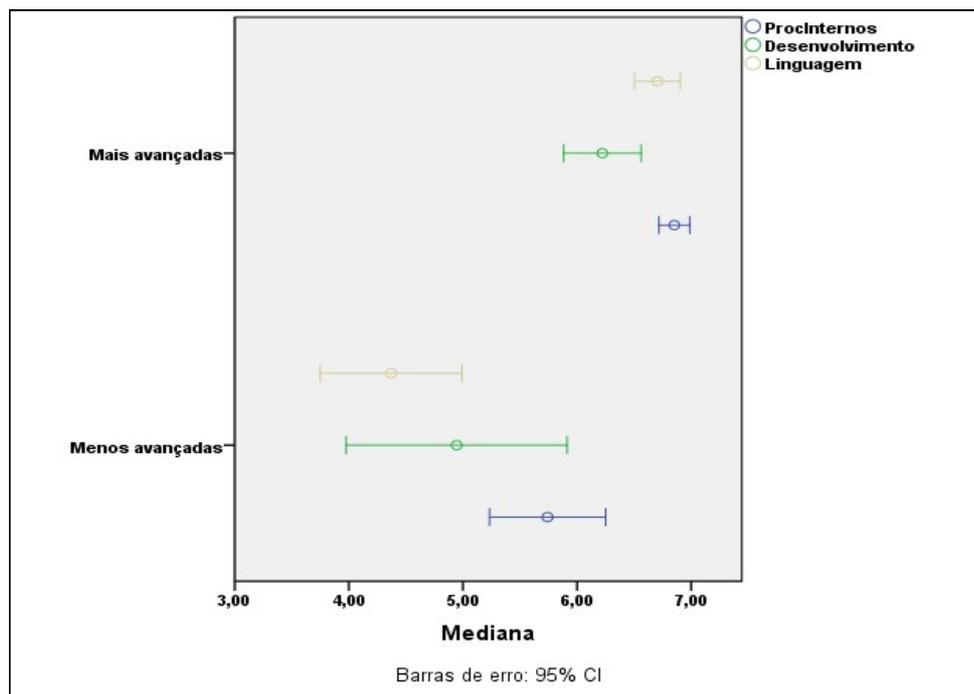
simplificarão as tarefas relativas ao percurso e acesso às partes do documento.

## 5.5 CLASSIFICAÇÃO DAS EMPRESAS DA AMOSTRA

Para classificar as empresas, como não existe uma técnica não paramétrica similar, utilizou-se a Análise de Conglomerados (Cluster), que é uma técnica paramétrica de interdependência entre variáveis, que permite agrupar indivíduos (neste caso empresas) com características similares a partir de variáveis predeterminadas (FIELD, 2009; MAROCO, 2014).

O primeiro passo foi agrupar as variáveis dos 3 grupos apresentados acima (seções 5.2 a 5.4), utilizando para isso a mediana das variáveis de cada grupo para cada empresa. Os grupos foram identificados como processos internos (5.2), desenvolvimento (5.3) e linguagem (5.4).

O passo seguinte foi rodar a Análise de Cluster utilizando o software SPSS®, utilizando o método Ward para agrupamento e a distância euclidiana quadrada para medir os intervalos. A análise indicou que a amostra se divide em dois grupos distintos, nominados “mais avançadas” e “menos avançadas” em função das médias dos construtos. A Figura 4 apresenta o gráfico e a Tabela 8, na sequência, apresenta as distinções entre as médias.



Fonte: Saída do SPSS.

**Figura 4 – Classificação das empresas**

Na Figura 4 é possível visualizar as diferenças entre as medianas dos três construtos em relação aos dois grupos identificados pela Análise de Cluster, sendo que cada um dos dois grupos ficaram compostos por 9 empresas. A diferença entre os grupos é estatisticamente significativa, segundo o teste não paramétrico de Mann Whitney para verificação de

diferenças entre grupos ( $p < 0,00$ ) (FIELD, 2009; MAROCO, 2014).

Na Tabela 8 são apresentados os valores da mediana.

Construtos	Medianas		Mann-Whitney U Sig.
	Menos avançadas (n = 9)	Mais avançadas (n = 9)	
Procedimentos Internos	6,00	7,00	76,500 0,000
Desenvolvimento	5,50	6,00	70,500 0,006
Linguagem	5,00	7,00	81,000 0,000

Fonte: Elaborados pelos autores com base nos dados da pesquisa

**Tabela 8 – Comparativos entre os grupos**

Assim, constata-se que efetivamente existe diferença estatisticamente significativa entre as medianas dos grupos em cada um dos três construtos e que a maior amplitude de diferença é no construto linguagem, que buscou identificar a utilização da linguagem de marcação por parte das empresas.

Analisando mais detalhadamente cada uma das três variáveis que compõem o construto, verifica-se que a maior amplitude de diferença entre as medianas está na variável relacionada a questão “A empresa conhece a linguagem de marcação XBRL?”, onde a mediana das empresas do grupo ‘menos avançadas’ é de 3 e a mediana das empresas do grupo ‘mais avançadas’ é 7. Isto corrobora com a suposição exposta anteriormente que os resultados podem estar indicando que não existe uma preocupação mais consistente com a utilização de linguagem de marcação ou não se estabeleceu, no âmbito da amostra, uma área específica para este fim, mas agora identificado que esta suposição é válida apenas para parte das empresas da amostra.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste estudo o objetivo era identificar o atual nível de conhecimento e utilização do XBRL, pelas empresas brasileiras emissoras de ADR, listadas na BM&FBOVESPA. Assim, foi abordado o processo de intercâmbio de informações financeiras, por meio da publicação na *web*, o que impõe necessidade de esforços, por parte das empresas, para a conversão de formatos de representação de suas informações e dados.

O principal resultado da análise dos dados indicou que existe um relativo grau de desconhecimento da XBRL por parte de um grupo de empresas brasileiras emissoras de ADR, listadas na BM&FBovespa. Além disso, percebe-se a partir dos dados que os respondentes da amostra não foram seguros em afirmar que as empresas possuem uma área que estuda a implantação de linguagens de marcação, o que pode favorecer ao desconhecimento da XBRL.

Como a pesquisa também teve parte da coleta de dados por meio de entrevista, constatou-se, a partir da percepção dos respondentes, que a utilização do XBRL, as empresas utilizam várias linguagens, e que existe um problema no que diz respeito ao intercâmbio de informações financeiras, pois, o trânsito de diversos tipos de relatórios em diferentes formatos demanda grande esforço manual, além da possibilidade da ocorrência da perda de consistência

dos dados e da sucessiva necessidade de adaptação aos diferentes tipos de sistemas e formatos.

A linguagem XBRL surge, então, nesse cenário como uma tentativa de facilitar a gestão da informação financeira, no entanto, para que XBRL venha a ser adotada como um padrão é necessário haver uma concordância entre os diversos tipos de usuários da informação financeira para que sejam definidos os fatos ou conceitos financeiros que atenderão a necessidades da maioria deles.

Os respondentes salientaram, ainda, que a XML é uma linguagem de fácil manipulação que separa bem os dados da apresentação. Sua estrutura é de fácil entendimento, sendo assim, relativamente fáceis de interpretar, manipular e interrogar. Validar um documento XML através de DTD se mostra muito eficaz, pois, se o documento não seguir a todas as especificações definidas na DTD, ou seja, estrutura, elementos, atributos, ele não será considerado um documento válido. Formatar um documento XML utilizando XSL faz com que o desenvolvedor apresente os dados ao usuário em um *browser* da forma desejada por ele. Existem várias ferramentas de qualidade para o desenvolvimento de aplicativos *XML* e seus respectivos esquemas.

Atualmente, não existe ainda jurisdição de XBRL no Brasil para interligar as várias partes interessadas e para coordenar os esforços nacionais de qualquer demonstração contábil-digital. A iniciativa, por parte do CFC, bem como por outros coordenadores, poderá estimular os fornecedores locais de soluções em software a incorporar taxonomias ao XBRL dentro de suas próprias aplicações.

Neste estudo, foram observadas algumas limitações como o número de empresas utilizadas e o pequeno número de gestores que responderam ao questionário e as próprias respostas dos gestores entrevistados, fatores esses, que restringem os resultados obtidos nesta pesquisa. Além disso, outro fator limitante é a utilização de escala intervalar, eminentemente qualitativa, mas largamente utilizadas na pesquisa em sociais aplicadas para mensurar variáveis e para análises quantitativas.

Sugere-se para futuras pesquisas, a ampliação do estudo a uma amostra mais significativa; replicar o estudo para outros setores, segmentando as empresa; e uma investigação sobre os motivos que influenciam os gestores a utilizar informações estratégicas nas decisões de implantação de determinada linguagem de marcação para a divulgação de informações financeiras.

## REFERÊNCIAS

ANSOFF, H. Igor. **Estratégia Empresarial**. São Paulo: McGraw- Hill, 1977.

\_\_\_\_\_. **A Nova Estratégia Empresarial**. Tradução: Antônio Sanvicente Zoratto. São Paulo: Atlas, 1991.

BANCO CENTRAL DO BRASIL. Resolução nº 1.289, de 20 de março de 1987. Disciplina respectivamente a constituição, o funcionamento e a administração de Sociedade de Investimento - Capital Estrangeiro, Fundo de Investimento - Capital Estrangeiro e Carteira de Títulos e Valores Mobiliários mantida no País. **Diário Oficial da União**. Brasília, DF, 23 mar. 1987. Disponível em: <http://www5.bcb.gov.br/normativos/detalhamentocorreio.asp?N=087080104&C=1289&ASS=RESOLUCAO+1.289>. Acesso em: 11 nov 2014.

BANK OF NEW YORK. **The depository receipt marketing review. January 2015.** Disponível em: [http://www.adrbnymellon.com/teamsite\\_content/Documents/files/DR2014YearEndDigitalAbsolutelyFinal.pdf](http://www.adrbnymellon.com/teamsite_content/Documents/files/DR2014YearEndDigitalAbsolutelyFinal.pdf) . Acesso em: 10 fev 2015.

BM&FBM&FBOVESPA. A nova bolsa. **Empresas listadas na BM&FBovespa.** Disponível em: <http://www.bmfBM&FBovespa.com.br/cias-listadas/empresas-listadas/BuscaEmpresaListada.aspx?idioma=pt-br> . Acesso em: 7 dez 2014.

CHAKRAVARTHY, B.S; WHITE, R.E. Strategy process; forming, implementing and changing strategies. In: PETTIGREW, A.; THOMAS, H.; WHITTINGTON, R. **Handbook of Strategy and Management.** London: Sage Publications, 2002.

CITIGROUP. **Depository Receipts Information Guide.** Citigroup Global Transaction Services. Disponível em: <http://wwss.citissb.com/adr/www/adr.info/index.htm>. Acesso em: 8 dez 2014.

DEBRENCEY, R.; GRAY, G.; RAHMAN, A. Voluntary financial reporting on the Internet: an international perspective. In: **The American Accounting Association Annual Meeting.** San Diego, 1999.

FINANCIAL ACCOUNTING STANDARDS BOARD. **Business reporting research project: electronic distribution of business reporting information.** FASB, 2000.

\_\_\_\_\_. **Original pronouncements: accounting standards.** v. 2. Homewood: Irwin, 1992.

FERREIRA, A. P. N. **XML - eXtensible Markup Language.** Disponível em: <http://www.dei.unicap.br/~almir/seminarios/2002.2/ns06/WebServices/xml.htm>. Acesso em: 20 out 2014.

FIELD, A. **Descobrimo a estatística usando o SPSS.** Trad. Lorí Viali. 2 ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

FOROUGH, A.; et. Al. XBRL: the future of online financial data. **The National Public Accountant.** Jun. 2001.

GOMES, J. M. Los riesgos de la información financiera publicada en Internet. **Revista de Contabilidad y Tributacion.** n. 230, maio. 2002.

HAMEL, Gary; PRAHALAD, C. K. Strategy as a field of study: why search for a new paradigm? **Strategic Management Journal.** Chischester, p. 5-16, 1994. v. 15.

INTERNATIONAL ACCOUNTING STANDARDS BOARD. **Business reporting on the Internet.** Disponível em: [www.iasc.org.uk/frame/cen326.htm](http://www.iasc.org.uk/frame/cen326.htm). Acesso em: 24 nov 2014.

INTERNATIONAL FEDERATION OF ACCOUNTANTS. **Financial reporting on the Internet: responsibilities of directors and management.** Disponível em: [www.ifac.org/Store/Details.tpl?SID=1030393082223229](http://www.ifac.org/Store/Details.tpl?SID=1030393082223229). Acesso em: 24 nov 2014.

MAROCO, J. **Análise estatística** – com utilização do SPSS. 6. ed. Lisboa: Edições Sílabo, 2014.

MILES, R.S; SNOW, C.C.; MEYER, A.D, COLEMAN JR, H.J. **Organizational strategy, structure and process**. The Academy of Management Review. v. 3, n. 3, p. 546-562, July/1978.

PORTER, Michael E. **Vantagem Competitiva: criando e sustentando um desempenho superior**. Tradução: Elizabeth Maria de Pinho Braga. Rio de Janeiro: Campus, 1989.

\_\_\_\_\_. **Estratégia Competitiva: Técnicas para análise da indústria e da concorrência**. 7. ed. Rio de Janeiro: Campus, 1991.

PORTER, Michael E. **Estratégia: a busca da vantagem competitiva**. Rio de Janeiro: Campus, 1998.

RICCIO, E. L. Uma contribuição ao estudo da contabilidade como sistema de informação. **Tese** (Doutorado). Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade, Universidade de São Paulo. 1989.

\_\_\_\_\_. Efeitos da tecnologia de informação na contabilidade: estudo de casos de implementação de sistemas empresariais integrados – ERP. **Tese** (Livre docência). Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade, Universidade de São Paulo. 2001.

RODRIGUES, L. L.; MENEZES, C.A. **Relato financeiro na Internet**: estudo do caso português. *Jornal do Técnico de Contas e da Empresa*. n. 424, jan. 2001.

RUMELT, R.R. in MINTZBERG, H; et. al. **O processo da estratégia**. Tradução: Luciana de Oliveira da Rocha. 4. ed. Porto Alegre: Bookman, 2006.

SANCHEZ, M. B. et. al. XBRL: hacia un estándar para la publicación de estados financieros digitales. **Revista de Contabilidad y Tributación**. n. 231, jun. 2002.

SECURITIES AND EXCHANGE COMMISSION. **Acceleration of periodic report filing dates and disclosure concerning website access to reports**. Disponível em: [www.sec.gov/rules/final/33-8128.htm](http://www.sec.gov/rules/final/33-8128.htm). Acesso em: 15 jan 2015.

SILVA, P. A.; ALVES, P.A. As novas tecnologias como veículo de transmissão da informação financeira. **Revista Contabilidade e Finanças**. São Paulo: FIPECAFI/FEZ/USP. v. 16, n. 27, set./dez. 2001.

THE INSTITUTE OF CHARTERED ACCOUNTANTS IN ENGLAND AND WALES. ICAEW. **Performance measurement in the digital age: adding value to corporate reporting**. London, 1998.

VERGARA, Sylvia Constant. **Projetos e Relatórios de Pesquisa em Administração**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2000.

XBRL International. **XBRL – Extensible Business Reporting Language**. Disponível em: <http://www.xbrl.org/>. Acesso em: 12 dez 2014.

W3C – World Wide Web Consortium. **XBRL – Extensible Business Reporting Language**. Disponível em: <http://www.w3.org/>. Acesso em: 20 dez 2014.

WALLACE, A. **The new language of financial reporting**. Bradford: Balance Sheet, 2001.

WILLIS, M. **The future of financial reporting**. Disponível em: [www.accountingweb.co.uk/works-hop/index.html](http://www.accountingweb.co.uk/works-hop/index.html). Acesso em: 20 jan 2015.

WHITTINGTON, R. **Strategy as practice**. Long Range Planning, v. 29, n. 5, p. 731-735, October/1996.